

identificação somente possível através da arte", como diz a Organizadora. E pode-se acrescentar: mesmo que tal identificação se dê através do distanciamento reflexivo e divergente. É nessa cadeia de leitores que se preserva a memória de um povo. Não é, pois, apenas a poesia a "guardiã da memória", mas também o que se diz sobre ela, já que uma edição crítica é um ponto de encontro entre literatura e História. Daí a oportunidade do presente lançamento, que insere Gonzaga e sua obra bicentenária nas Minas dos anos 90, onde ainda se luta por utopias.

Ivete L. C. Walty

MATOS, Gregório de.
Ausgewählte Gedichte.
Berlin: Lateinamerika, 1992. 145p.

São bem conhecidas as dificuldades e barreiras que a obra poética de Gregório de Matos precisou enfrentar, ao longo do tempo, em nosso próprio país, para encontrar seus leitores. Hoje, no entanto, apesar de tudo, ela é reconhecida como uma manifestação fundadora de nossa literatura, particularmente em sua vertente satírica.

Não devemos, entretanto, esquecer os outros aspectos de sua obra, particularmente os poemas religiosos, que se nos apresentam como realizações de altíssima qualidade estética. Em verdade, todos os aspectos de sua produção

permanecem ativos e provocantes, mesmo para o leitor de hoje. Mas seu aspecto satírico, durante séculos mantido à distância do público, tem sido o responsável principal pela manutenção de sua obra em evidência, pelo menos nos últimos anos. Fato curioso, se considerarmos ser a sátira um gênero perecível, isto é, que envelhece, que costuma perder a atualidade; isto pelo compromisso que mantém com o seu próprio tempo, pois trata-se de um gênero essencialmente pedagógico e moralizante.

Pois esse mesmo poeta, maldito e maldizente, chamado de "Boca do Inferno", encontra-se, agora, traduzido e publicado em língua alemã. A idéia de traduzir o poeta surgiu de dois seminários oferecidos ao Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim (FU), no verão de 1987, pelos professores Mathias Rohrig-Assunção e Carlos Alberto Azevedo. O poeta baiano agradou de tal forma aos participantes dos seminários, que o projeto de traduzi-lo para o alemão foi imediatamente proposto. O trabalho duro da tradução foi realizado por Mechthild Blumberg e Birgit Russi, profissionais para com as quais contraímos, todos os brasileiros, uma dívida impagável.

As questões suscitadas, quando se pensa em tradução de poesia, são complexas e variadíssimas. Toda tradução coloca-se, necessariamente, como operação que envolve dois termos, como ponte entre

duas literaturas. Ela pode, portanto, ser encarada do ponto de vista da literatura traduzida, ou do outro, da literatura para a qual se traduz. Qualquer que seja o ponto de vista, entretanto, o resultado é sempre o mesmo: expansão, enriquecimento, soma.

Gregório de Matos é um poeta vivo porque, enquanto poeta, é força atual e atuante, fator de expansão do universo da literatura brasileira. Ser traduzido é uma lisonja, é um ato de reconhecimento por parte da outra cultura e da outra língua.

Do ponto de vista da literatura de chegada, sendo esta a alemã, a questão ganha ainda mais relevância e colorido. Pois foi esta a literatura que se sonhou um dia o oceano, em que desembarcariam todas as outras literaturas do mundo, pelo estuário das traduções. Foi na língua alemã que se cunhou o termo *Weltliteratur*, espécie de espaço de reconhecimento recíproco, comum a todas as nações, mercado das trocas de idéias e bens espirituais entre os povos.

Acrescentemos, ainda, para terminar, que o Gregório traduzido é todo satírico. A poesia selecionada foi agrupada em quatro seções:

- 1- o poeta critica sua cidade: sátiras à Igreja, à fidalguia e à autoridade;
- 2- o poeta descreve as festas e outras diversões;
- 3- o poeta e o sexo feminino: damas, freiras e putas;

4- diversos. A edição é bilingüe.

José Américo Miranda

LYRA, Bernadette.

A panelinha de breu.

São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

No panorama da literatura contemporânea do Estado do Espírito Santo, Bernadette Lyra se destaca como ficcionista que leva às últimas conseqüências o trabalho experimental com a narrativa literária. Professora de literatura e de cinema, autora de 03 livros de contos (*As contas no canto* - 1981; *O jardim das delícias* - 1983; *Corações de cristal ou a vida secreta das enceradeiras* - 1984) e de uma novela (*Aqui começa a dança* - 1985), Bernadette agora inicia-se no romance, cujo título, evocando leitura para crianças, já insere o leitor nas múltiplas armadilhas de seu texto. *A panelinha de breu* nada tem de infantil, ainda que sua epígrafe - "Pocou, fedeu"- também remeta a uma brincadeira de criança. Segundo Francisco Aurélio Ribeiro, pesquisador da literatura capixaba e autor do postácio do romance, trata-se de metáfora de um episódio histórico que simboliza a heroicidade feminina, e de metonímia do órgão sexual: No início do séc. XVII, um grupo de mulheres, comandado por Maria Ortiz, tentou